

AMIGOS, AMIGOS, NEGÓCIOS À PARTE: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA RETÓRICA

MEIRA, Ana Clara Gonçalves Alves
(Universidade Federal de Minas Gerais)
(anaclameira@hotmail.com)

Resumo: Em estudos tradicionais, percebe-se que a definição de oração se pauta, principalmente, na presença de uma parte predicativa. Busca-se, neste trabalho, demonstrar o relevante papel das frases nominais na construção de sentidos e que a diferença entre essas e as orações, norteadas pela ausência e presença de verbos, não é suficiente. Como referencial teórico, foi utilizada a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST) que pode ser definida como um sistema descritivo em que se observa como as partes textuais se relacionam. Realizou-se uma análise da estrutura retórica do provérbio *Amigos, amigos, negócios à parte* presente em um texto da internet. A hipótese que se sustenta é a de que não se deve diferenciar frase nominal de oração, observando apenas critérios formais, é preciso que a esses sejam acrescentados os semânticos e pragmáticos.

Palavras-chave: Oração; frases nominais; Teoria da Estrutura Retórica do Texto.

Introdução

Nas Gramáticas Tradicionais, observamos uma valorização no estudo das orações em detrimento das frases nominais. Partindo dessa asserção, começamos a indagar o porquê dessa diferenciação. Além disso, contrapondo os conceitos apresentados para frase nominal e oração, observamos que a diferença principal diz respeito à ausência e presença de verbo, respectivamente. Considerando que tais definições são fluidas, decidimos demonstrar que frases nominais não podem ser explicadas simplesmente como estruturas que não possuem um núcleo verbal. Semelhante definição deixaria de lado aspectos essenciais de qualquer texto: os semânticos e os pragmáticos.

Para averiguarmos essas questões, decidimos utilizar os provérbios que não possuem parte predicativa, por exemplo: *Casa de Ferreiro, espeto de pau* como nosso objeto de análise. Neste trabalho, analisamos o provérbio: *Amigos, amigos, negócios à parte*. Ressaltamos que não trabalhamos com o provérbio isoladamente, já que defendemos uma perspectiva funcionalista e consideramos fundamental observar a língua como função e não como uma estrutura abstrata. A fim de tentar atingir nossos objetivos, procuramos um texto na internet que apresentasse o provérbio citado. Para isso, utilizamos o site de busca *Google* no qual digitamos o provérbio escolhido e buscamos as ocorrências desse em um texto da internet. O único critério adotado para selecionar o texto é que nele aparecesse o provérbio no título, no corpo do texto ou em ambos.

A análise do provérbio escolhido será baseada na teoria da Estrutura Retórica do Texto, em inglês, Rhetorical Structure Theory (RST). Assim, dividimos este trabalho da seguinte forma: apresentamos algumas definições de gramáticos tradicionais sobre frase e oração, em seguida, um esboço geral sobre a RST, depois, a análise do *corpus* e, por fim, as considerações finais.

1 Definição de frase e oração segundo a Gramática Tradicional

Quando estudamos a distinção entre frase e oração, observamos que, de um modo geral, as Gramáticas Tradicionais denominam frase como um enunciado de sentido completo, que pode ter ou não um verbo. As frases que são formadas por verbos são denominadas orações, já as que não possuem uma parte predicativa são ditas como frases nominais. Selecionamos três gramáticos: Bechara (1982), André (1995) e Mesquita (2009) para demonstrarmos, sucintamente, como esses conceitos são vistos pela Gramática Tradicional. Para escolha desses gramáticos, optamos por selecionar gramáticas que fossem escritas em datas distintas a fim de estabelecermos um paralelo entre as definições desses autores.

Ao analisarmos as definições de Bechara (1982), percebemos que ele não diferencia frase de oração, assim, explica o que seria oração e quais são os tipos de orações possíveis. Ressaltamos que o que alguns gramáticos chamam de frases nominais, Bechara (1982) enquadra entre os tipos de oração. Nessa perspectiva, para ele, a “oração é a menor unidade de sentido do discurso com propósitos definidos, utilizando os elementos de que a língua dispõe de acordo com determinados modelos convencionais de estruturação oracional”. (BECHARA, 1982, p. 194). Assim, ele cita quatro tipos de oração e afirma que:

a oração pode ser constituída por uma sequência de vocábulos ou por um só vocábulo:

- a) João estuda
- b) Passeamos
- c) Sim. João
- d) Fogo! Parada de ônibus (BECHARA, 1982, p. 196).

Chamamos atenção para o fato de Bechara (1982) demonstrar que o que designa oração não é a presença ou ausência de verbo, já que a presença de um único vocábulo já denotaria, para ele, uma oração.

No que concerne às definições de André (1995), a frase seria:

a unidade do discurso suficiente por si mesma para estabelecer a comunicação. [...] A frase pode ser formada por uma simples palavra, uma expressão, uma oração ou um período. Pode a frase ter ou não verbo. O que importa é que manifeste um propósito definido de comunicação (p. 273).

Já sobre a oração, ele afirma que “é a frase formada em torno de um verbo” (p. 274). Percebemos uma nítida diferença entre Bechara (1982) e André (1985), enquanto o primeiro não estabelece uma distinção entre frase e oração, o segundo define frase como um enunciado de sentido completo no qual apenas a estrutura que possuir verbo será uma oração.

Quanto a Mesquita (2009), a frase seria “o enunciado ou o conjunto de uma ou mais palavras organizadas de modo que transmitam uma informação completa [...] as frases podem ser divididas em nominais e verbais” (p. 449). Ele menciona ainda que “frases nominais são aquelas cujo núcleo significativo se concentra num nome (substantivo, adjetivo, numeral ou advérbio)” (p. 449). A respeito da oração, define como “a frase ou parte de uma frase que se estrutura em torno de um verbo ou de uma locução verbal” (p. 451).

Entendemos que as definições de André (1995) e Mesquita (2009) se assemelham, já as de Bechara (1982) diferem dos dois primeiros. É interessante que, por não estabelecer uma diferença entre frase e oração, explicando que a oração pode se dividir em vários tipos, Bechara (1982) já demonstra, de certo modo, que essa diferenciação não se sustenta.

Outro aspecto a destacar é que, no capítulo que trata da frase e da oração, Bechara (1982) enfatiza a importância da situação e do contexto e explica que:

Situação e contexto são estímulos decisivos para a melhor aproximação entre falante e ouvinte ou escritor e leitor. Através destes estímulos, falante e ouvinte se identificam numa situação espacial e temporal, e a atividade linguística atinge seu objetivo com um simples vocábulo ou fragmento de oração (p. 196).

Ao ressaltar a importância da situação e do contexto, Bechara (1982) demonstra que não podemos analisar os enunciados isoladamente, precisamos observar em qual situação discursiva estão inseridos. Ademais, retomando as duas últimas linhas da citação dele, temos: “a atividade linguística atinge seu objetivo com um simples vocábulo ou fragmento de oração”, isso refirma que não importa a extensão, nem a presença de verbos ao analisar um determinada porção de texto¹, o que se deve levar em conta é de que forma essa porção textual produz sentido.

2 A Estrutura Retórica do Texto

Como o nosso referencial teórico se pauta na Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST), é necessário que explicitemos alguns aspectos que a caracterizam.

Inicialmente, devemos compreender como definir os termos *estrutura* e *retórica* na RST. Então, o que seria *estrutura*? Mann e Thompson (1989) explicam que o termo estrutura é usado em um sentido organizacional. Desse modo, uma teoria do texto descreve quais são as partes que o compõem e como elas se organizam para formar o texto como todo. Os autores destacam ainda que, como há várias estruturas reconhecidas pela RST, é importante mencionar as três principais:

- 1- Estrutura holística – estrutura derivada de propriedades de gênero ou variedades textuais [...].
- 2- Estrutura Relacional – estrutura que expressa a organização da coerência textual [...].
- 3- Estrutura Sintática – como o termo é geralmente usado. (Mann e Thompson, 1989, p. 4 tradução nossa).

Explicitamos o que vem a ser *estrutura* para a RST, mas e o termo *retórica*, como definir? Para Mann e Thompson (1989), a retórica se estabelecerá pelo fato de as relações estruturadas no texto refletirem as opções de organização e apresentação do escritor.

Além das características mencionadas, é válido dizer que a RST possibilita “descrever as relações existentes entre as partes do texto, ou seja, por meio dessa teoria, pode-se descrever que ligações conferem unidade ao texto” (ANTONIO, 2004, p.225).

No que se refere às relações, elas se estabelecem entre duas ou mais porções textuais. Nesse sentido, entre duas porções, é possível depreender uma dada relação que pode ser de: causa, condição, concessão, justificativa, entre outras. As relações podem ser núcleo-satélite ou multinucleares, nestas, todas as porções funcionam como núcleos, já, naquelas, uma porção do texto é ancilar à outra (MATTHIESSEN E THOMPSON, 1988).

As relações são definidas por julgamentos de plausibilidade, isto é, o analista leva em conta quais seriam as intenções do escritor com o texto produzido. Para realizar a análise, ele

¹ Como o nosso aporte teórico se concentra na Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST), utilizaremos o termo *porções de texto* para nos referir às partes constituintes de um texto. Ressaltamos que uma porção textual não possui uma extensão definida, assim, ela pode ser desde um único vocábulo até um parágrafo completo, ou ainda, constituir-se de porções maiores do que um parágrafo.

tem acesso ao texto, reconhece o contexto e compartilha as convenções culturais do escritor e a expectativa dos leitores; mas, não possui acesso direto nem ao escritor, nem aos possíveis leitores de um determinado texto (MANN, THOMPSON, 1989). Nesse sentido, para uma análise eficaz, o analista precisa ultrapassar os limites de uma leitura literal do texto, é preciso levar em conta o contexto discursivo em que as porções estão inseridas.

No que se refere à segmentação textual, percebemos que o analista detém liberdade para segmentar o texto da maneira que achar melhor.

Um aspecto que gera polêmica no estudo da RST se refere às análises múltiplas, como a teoria se pauta na plausibilidade, é possível, para um mesmo texto, depararmos com análises que, embora sejam adequadas, são diferentes. Assim, às vezes, mais de uma análise pode ser possível. Nesses casos, o analista deve escolher uma *análise preferida*, ou seja, mais pertinente à situação comunicativa apresentada. Destacamos que isso não quer dizer que tudo é permitido para a RST, para que uma análise seja plausível, é preciso que ela seja coerente com o contexto discursivo a que se refere.

Podemos dizer que a característica básica e norteadora dessa teoria é se preocupar com a coerência textual, com aquilo que permite que um texto seja considerado um texto e não simplesmente um conjunto de palavras postas ao lado da outra.

3 Análise do corpus

Conforme afirmamos, o provérbio foi retirado de um texto da internet. Para escolha desse texto, o provérbio deveria ser encontrado ou no título, ou no corpo do texto, ou em ambos. A seguir, apresentaremos a análise do corpus deste trabalho. Os passos que propusemos foram: a) demonstrar as porções textuais; b) mostrar uma paráfrase do provérbio e c) elaborar o gráfico da relação retórica. A seguir, apresentamos o texto selecionado, ressaltando que o provérbio foi destacado de negrito e sublinhado, sendo que também foram sublinhadas as partes que justificam o uso desse provérbio no texto.

Amigos, amigos. Negócios à parte²

Barbara Ladeia

Pouco importa se você pensar duas ou três vezes antes de fechar negócio com um amigo: será impossível analisar a operação racionalmente. Essa é a conclusão do estudo brasileiro publicado na última edição do The Journal of Neuroscience.

"Nosso principal objetivo era identificar se o indivíduo é capaz de visualizar uma injustiça vinda de alguém próximo", diz Paulo Boggio, coordenador da pesquisa e do Laboratório de Neurociência Cognitiva e Social do Mackenzie. Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a equipe desenvolveu uma mecânica particular para identificar o nível de racionalidade das decisões.

Um voluntário, um grande amigo e um estranho participavam do chamado

² Disponível em: < <http://vocesa.abril.com.br/organize-suas-financas/materia/amigos-amigos-negocios-parte-651205.shtml>>. Acesso em: 1 abr. 2012. Colocamos o texto no formato recuado para facilitar a identificação dele por parte do leitor.

Ultimatum Game. Nele, os pesquisadores mostravam ao voluntário algumas ofertas de divisão de um montante de 100 reais, sinalizando se a sugestão vinha do estranho ou do amigo. Cabia ao voluntário decidir se aceitava a oferta. No entanto, todas as propostas foram criadas pela equipe de pesquisa e distribuídas em número igual entre justas e injustas - sendo consideradas justas pelos voluntários as partilhas com até 80% do valor direcionado ao ofertante.

Em todos os casos, os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis de amigos. Com eletrodos, foi possível identificar uma mudança no acionamento do sistema neuronal a partir do estímulo vindo de alguém próximo. "Há uma base neurofisiológica na tomada da decisão financeira, ainda que o indivíduo se esforce pela racionalidade", diz Boggio.

Nestes casos, não há como fugir da própria mente. "A grande questão ainda não solucionada é como evitar as distorções geradas pelo emocional na hora de uma decisão financeira", afirma o cientista. "A cautela e o estado de alerta tem de estar presentes o tempo todo, mesmo quando há segurança."

Porções textuais: 1) Amigos, amigos
2) Negócios à parte

Paráfrase: Quando se é amigo, os negócios devem ser à parte.

Ao lermos o texto, notamos que a ideia principal é demonstrar, com base em estudos científicos, que não há possibilidade de negócios realizados entre amigos progredirem. Semelhante afirmação se confirma em:

- Pouco importa se você pensar duas ou três vezes antes de fechar negócio com um amigo: será impossível analisar a operação racionalmente;
- Em todos os casos, os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis de amigos;
- Com eletrodos, foi possível identificar uma mudança no acionamento do sistema neuronal a partir do estímulo vindo de alguém próximo;
- Nestes casos, não há como fugir da própria mente.

Percebemos, então, que a paráfrase *quando se é amigo, os negócios devem ser à parte* transmite uma noção de obrigatoriedade também passada pelo texto: entre amigos não deve haver negócios. Os dados científicos explicitados no texto são essenciais para dar credibilidade ao fato de que *negócios entre amigos não dá certo*.

Nesse sentido, o texto transmite algumas ideias principais, tais como:

- O Laboratório de Neurociência Cognitiva e Social da Mackenzie investiga se o indivíduo percebe a injustiça de alguém próximo;
- No *Ultimatum Game*, a equipe de pesquisa criou perguntas para serem avaliadas entre justas e injustas com um participante, um amigo desse e um estranho;
- Os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis vindas de amigos;
- É impossível fechar um negócio com um amigo racionalmente;

- Os pesquisadores procuram entender como evitar as distorções geradas pelo emocional.

Ao estabelecermos um paralelo entre o que está explicitado no texto e o provérbio, *Amigos, amigos negócios à parte*, notamos que o provérbio pode ser compreendido da seguinte forma: as pessoas têm dificuldade de agir com racionalidade diante de questões financeiras se o fator emocional estiver envolvido.

Percebemos, então, que o fator emocional e o financeiro não se relacionam harmonicamente. Desse modo, se há fator emocional (*amigos, amigos*), não é possível trabalhar com questões objetivas como finanças e negócios (*negócios à parte*).

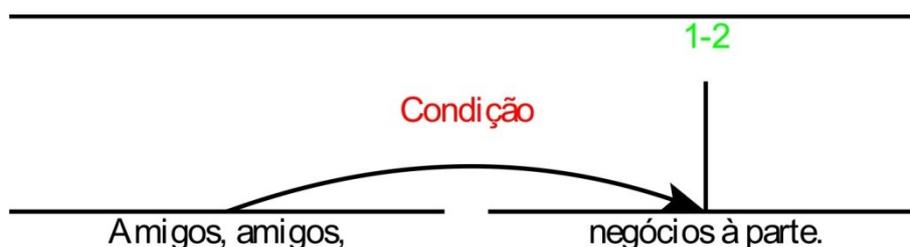
Se utilizássemos uma análise tradicional, não teríamos uma classificação para *Amigos, amigos, negócios à parte*, tendo em vista que, para a GT, trata-se de uma frase nominal. Por outro lado, se quiséssemos classificar a paráfrase *Quando se é amigo, não se deve negociar*, de acordo com a GT, poderíamos ter: oração subordinada adverbial causal, ou condicional, ou, até mesmo, temporal para a primeira e oração principal para a segunda.

Fazendo essa simples comparação, notamos que *Amigos, amigos, negócios à parte* simplesmente seria denominado como uma frase nominal, conceito que se restringe à estrutura sintática, deixando de lado aspectos semânticos e pragmáticos; enquanto que *Quando se é amigo, não se deve negociar*, como apresenta partes predicativas, recebe uma classificação pela Gramática Tradicional que já denota a observação de critérios semânticos, pois leva em conta se há uma causa, uma condição ou uma circunstância de tempo, por exemplo. Nesse aspecto, concentramos nossos questionamentos em: por que apenas quando há presença de um verbo, a porção textual recebe um estudo mais detalhado pela Gramática Tradicional? Como vimos, nem os verbos, nem os conectivos são determinantes para estabelecer o sentido, por isso é possível estabelecer relações entre *Amigos, amigos, negócios à parte*. Dessa forma, acreditamos que distinções entre frase, oração e frases nominais são tênues e lacunosas, mais importante do que estabelecer tais distinções é perceber que entre porções textuais com ou sem a presença de um verbo, estabelecem-se sentidos.

Pensando em uma análise que se baseie na RST, poderíamos dizer que é plausível uma relação de causa, já que o que leva os negócios serem à parte é o fato de as pessoas terem um vínculo forte, como uma amizade. Todavia, esse provérbio está inserido em um texto e fazendo um paralelo entre o provérbio e o texto, percebemos que este deixa claro que não é possível fazer negócios com amigos, já que semelhante fato foi comprovado cientificamente: “em todos os casos, os participantes aceitaram mais ofertas desfavoráveis de amigos. Com eletrodos, foi possível identificar uma mudança no acionamento do sistema neuronal a partir do estímulo vindo de alguém próximo”.

Entendemos, então, que o fato de se ter uma amizade leva a uma condição: não é possível negociar. Segundo a RST, a relação de condição tem o seguinte efeito: fazer com que o leitor reconheça que a realização do núcleo depende da realização do satélite. Assim, consideramos que o intuito do escritor foi fazer com que o leitor acreditasse que *se se é amigo, não há como negociar*. Teríamos, então, *amigos, amigos* como satélite e *negócios à parte*, representando o núcleo. Forma-se uma espécie de *dependência* entre o núcleo e o satélite, isto é, a condição para os negócios serem à parte é o vínculo de amizade.

No âmbito da RST, notamos que essa dependência se manifesta na relação de condição, expressa no seguinte diagrama:



Explicando o diagrama apresentado, podemos dizer que o provérbio foi dividido em duas porções textuais, por isso temos os números (1-2). Ressaltamos que a porção mais à esquerda, corresponde à porção textual (1) – *Amigos, amigos* –, já a mais à direita, à (2) – *negócios à parte*. Além disso, demonstramos uma relação núcleo-satélite as quais são representadas por curvas que partem do satélite para o núcleo. Desse modo, *amigos, amigos* corresponderia ao satélite e *negócios à parte*, ao núcleo. A linha vertical que aparece na porção (2) indica que ela está funcionando como núcleo.

Considerações finais

Analisando o provérbio *Amigos, amigos, negócios à parte*, inferimos que não são as conjunções, nem a presença de um verbo que determinam as relações que se estabelecem no texto. Nesse sentido, mesmo o provérbio citado, considerado uma frase nominal pelos estudos Tradicionais, estabelece relações de sentido, do mesmo modo que uma oração pode estabelecer. Definir oração como presença de parte predicativa e propor uma distinção dela com as frases nominais é resumir a língua a uma forma, excluindo a interação, tão essencial na construção dos sentidos.

Notamos também que não adianta apresentar paráfrases para dizer que as frases nominais podem ser equivalentes às orações, a questão não é colocá-las no mesmo *patamar*, mas demonstrar que tanto uma frase nominal quanto uma oração pode se configurar como um texto e que, por isso, as definições tradicionais não são suficientes. Logo, é importante tentar ultrapassar os limites do nível sintático para buscar um entendimento reflexivo e interacional da língua.

Referências

ANDRÉ, H. A. *Gramática Ilustrada*. 5.ed. São Paulo: Moderna, 1995.

ANTONIO, J.D. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. Tese Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara/SP: UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

LADEIA, B. Amigos, amigos, negócios à parte. *Você SA*. Disponível em: <<http://vocêsa.abril.com.br/organize-suas-financas/materia/amigos-amigos-negocios-parte-651205.shtml>>. Acesso em: 1 abr. 2012.

MANN, W. C. & THOMPSON, S. *Rhetorical Structure Theory and Text Analysis*. California: University of Southern California, 1989 (ISI/RR- 89-242).

MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. A. *The structure of discourse and subordination*. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (eds.) *Clause combinig in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

MESQUITA, R. M. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.